

# JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora Executiva*LUIZ ORLANDO CARNEIRO — *Diretor (Brasília)*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*ROSENTAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*ETEVALDO DIAS — *Editor Executivo (Brasília)*

## Novas Relações

**N**uma economia em crescente integração de blocos e países, após a queda do Muro de Berlim, o progresso e a modernidade dependem basicamente do sopro de capital e tecnologia, que andam juntos. Mas o horizonte universal da economia de mercado apresenta grande concorrência nos atrativos — a Leste e a Oeste — oferecidos para a absorção do dinheiro, que hoje flui sob a forma de capital de risco por sobre as fronteiras.

Por isso mesmo, os países que desejam participar do processo de mudanças econômicas neste final de século estão removendo as barreiras ideológicas que limitavam o comércio internacional e a movimentação de capitais que apóia o fluxo de negócios. Preservados os princípios básicos da soberania de cada país, não cabem mais ilusões autárquicas.

A falta desse pragmatismo na relação com o mundo dos negócios e das finanças internacionais talvez tenha sido um dos pecados da equipe da ex-ministra Zélia Cardoso de Mello. O embaixador Marcílio Marques Moreira é um homem sintonizado com o que se passa no Primeiro Mundo. A competência não é tudo no comando da economia. É preciso também uma boa dose de pragmatismo e um pouco de sorte.

O pragmatismo do novo ministro ficou patente no almoço, ao lado do presidente Fernando Collor, com os empresários americanos da Câmara de Comércio Brasil-EUA. Como embaixador que aplinou as arestas do longo contencioso entre os dois países, Marques Moreira já seria presença importante no encontro. Mas a sua boa estrela ajudou a dar inicio a uma nova era nas relações do Brasil com o capital estrangeiro. Ministro competente e ainda com sorte é um bom caminho para o sucesso.

A prova mais eloquente da nova ordem vem sendo dada pela União Soviética, que não desiste da abertura econômica para atrair capitais externos e tecnologias necessárias para viabilizar a reestruturação (*perestroika*) pretendida por Gorbachev. As dificuldades são imensas, a começar pela turbulência política, que retrai os investidores.

Mas isso não é tudo. O Leste europeu passou de aliado a competidor com Moscou. O formidável mercado da Europa Unida de 93, apesar dos percalços da inesperada reunificação alemã, atrai capitais europeus, americanos e japoneses. O Sudeste asiático já apresenta uma verdadeira ninhada de tigres, que seguem os passos do Japão e da Cidade do Sul, às voltas com graves distúrbios

políticos, mas cortejada exportadora de capital e de tecnologia de ponta. Os Estados Unidos contra-atacam com o mercado comum com o Canadá, em 1992, e o projeto de integração com o México, ao sul do Rio Grande.

O país que desejar crescer com o impulso modernizador do capital (e da tecnologia) externo para se habilitar ao seleto time das economias do Primeiro Mundo não pode ficar à margem da nova ordem que antecipa a virada do ano 2000. Do contrário, se condenará a permanecer na era do atraso. O Brasil experimentou nos anos 50 a modernização de seu parque industrial quando abriu as suas fronteiras, oferecendo atrativos para o capital internacional investir na produção de bens de consumo. Os políticos foram sábios e criaram salvaguardas à soberania nacional. Ninguém pode desconhecer os frutos daquela opção.

Boa parte das seqüelas da crise econômica e social brasileira da última década pode ser atribuída ao abandono de uma relação adequada entre capital próprio e capital de terceiros, a qual deve ser seguida por qualquer empresa que se pretenda saudável. Países não são muito diferentes. Mas o Brasil tomou muito mais dívida que capital, e a dívida virou bola de neve. De importador, o país passou a exportador de capital. Foi como se o PIB tivesse furado como um pneu e se esvaziasse de ano para ano.

A solução da dívida externa — em suas várias frentes — é, portanto, indispensável para o Brasil voltar a reunir condições de crescer. Mas um carro com pneu furado precisa parar e consertá-lo para voltar a ter condições de rodar na estrada que conduz ao Primeiro Mundo. Só depois de consertado pode atrair, por exemplo, os credores a participarem de investimento de risco no Brasil, entre eles a conversão da dívida na privatização de algumas estatais.

De certa forma o atual governo vem fazendo isso, num penoso dever de casa para sanear o Estado, reduzir sua interferência na economia, privatizar algumas empresas e devolver o comando do processo econômico ao setor privado, num ambiente de franca concorrência interna e externa. Os sacrifícios do ajustamento continuam sendo pesados para a sociedade brasileira. Mas, a economia hoje é como na Fórmula 1: ninguém quebrado na pista pode esperar solidariedade dos concorrentes. O mundo dos negócios é pragmático: quer saber das melhores oportunidades.